

Existe um sentido para o sofrimento? Uma análise a partir do Livro de Jó

Hernandes José de Moraes

Resumo

O Livro de Jó, talvez o mais antigo da Bíblia, fala de um patriarca, de um homem temente a Deus, seguidor dos Seus caminhos, bom pai, próspero e alvo de uma “aposta” entre Deus e o Satã. Jó se torna um miserável, sem bens, família e saúde. Surgem então seus “amigos” que olhando o “antes e o depois” da sua vida querem encontrar justificativas para tal situação experimentada agora pelo “pobre Jó”. Cedo ou tarde todos nós deparamos com a questão do sofrimento: um difícil enigma de como entender como um Deus bom e amoroso deixa que seus filhos sofram. Pior, normalmente achamos que não merecemos passar pelo sofrimento, que a nossa bondade – nosso empenho em viver de forma correta – é o passaporte para uma vida feliz, isenta de problemas, de dor, de tribulação. E Deus, será que tem um propósito maior para permitir que a dor, a tragédia e o sofrimento batam à nossa porta? A análise que se pretende fazer, a partir da situação vivenciada pela personagem bíblica, buscará entender melhor quais são os propósitos de Deus ao permitir que o ser humano passe pelo vale da tribulação, da adversidade, da dor e enfrente o sofrimento. O trabalho perpassará e discutirá a teologia da retribuição, vigente e dominante à época, de forma necessária. Para muitos o nome “Jó” é sinônimo de sofrimentos. Mas, se ele era “perfeito e íntegro”, por que sofreu tanto? Jó era um crente fiel. Era reto e sincero, então por que precisou ser quebrantado por completo diante de Deus? Foi assim que um homem de coração reto e justo viu-se diante de uma arrasadora experiência de perdas e danos registrada no Antigo Testamento. Não bastassem suas catástrofes pessoais, ainda se viu achacado por aqueles que considerava seus amigos. No entanto, dessas mesmas provações emergiu um novo Jó – uma pessoa renovada, levantada do pó com uma fé ainda mais vigorosa, e que a história tratou de tornar um exemplo para todas as gerações seguintes até os nossos dias. Hoje podemos olhar o sofrimento que lhe foi infringido de uma posição privilegiada. Conhecemos os bastidores da trama. Mas como agir em meio ao desabar de tanta dor, quando nós, ou pessoas próximas, passamos a ser os sujeitos da história? Saliente-se que o Livro de Jó é muito atual, mas não muito fácil de ser entendido à primeira vista. Sua compreensão exige cuidados preliminares definidos, pois lê-lo e aplicá-lo diretamente à experiência de cada um de nós e das nossas comunidades pode nos conduzir a alguns enganos e erros. É bastante comum ouvirmos dizer que o Livro de Jó trata apenas do sofrimento humano. Será? Também temos ouvido que Jó é o símbolo da paciência. Nossa pesquisa (ainda incipiente) aponta no sentido de que, na realidade, Jó era um homem constante e não cedia diante das tentações, dos sofrimentos e das insinuações perigosas dos seus amigos, da sua mulher e de seus parentes. Jó era constante, mas não passivo. Discutia com tudo e com todos, até com Deus, a quem fez vários desafios. Indica ainda

(a pesquisa) que precisamos reavaliar nossos conceitos sobre o sofrimento, percorrendo melhor o caminho traçado por Jó. Esta comunicação é a parte primeira, inicial, o primeiro passo numa pesquisa bem mais ampla (tese) que se pretende desenvolver, em nível de doutorado, sobre a riquíssima literatura sapiencial contida no “Livro de Jó”.

Palavras-chave: Livro de Jó. Paciência. Teologia da retribuição. Sofrimento.

Um estranho no poço de Jacó:
reflexões sobre João 4 a partir d'O Inquietante (1919), de Sigmund Freud

Mariana Aparecida Venâncio

Resumo

Sigmund Freud, em sua obra **O inquietante** (1919) procura expor a conceituação e os efeitos daquilo que normalmente se define por estranho. Como uma noção tão corriqueira e aparente nas relações humanas, ela aparece como motivadora principal de diversas tramas encontradas em clássicos literários, isso porque os mais antigos autores sempre estiveram atentos à percepção de que a Literatura precisa ser coerente com os dramas enfrentados pelas pessoas, uma vez que é meio de expressão para seus sentimentos, anseios, desejos e angústias. Seguindo a atual tendência do reconhecimento da Bíblia como uma Literatura muito singular, é possível encontrar este efeito também em suas narrativas, que são, em grande número, ficcionais. Assim, é possível perceber o efeito inquietante, assim como descrito por Freud, por detrás da estruturação de diversos enredos bíblicos. De outra forma, é interessante notar também como muitas narrativas bíblicas provocam este efeito em seus leitores, atingindo seu objetivo de fazê-los indagar e refletir a respeito de suas próprias convicções e seguranças. Para além destas percepções gerais, o presente estudo procura investigar de que forma alguns elementos que compõe a narrativa joanina do encontro de Jesus com a Samaritana podem estar relacionados a este conceito tão particular, percebido e descrito por Sigmund Freud em sua referida obra. Em meio às diversas possíveis definições do que vem a ser o inquietante elaboradas pelo autor, é interessante à narrativa joanina aquela que define o estranho como o que era familiar, mas por algum motivo, tornou-se espantoso, *unheimlich*. O efeito desta conversão é percebido no quarto capítulo do **Evangelho de João** em alguns pequenos detalhes que compõe um quadro ao redor de um estranhamento maior: a Samaritana, que conhece e espera o Messias, desconhece-o quando está diante dele, e entra em conflito diante do diálogo com ele estabelecido. No encontro, o leitor pode deparar-se também com o fator da repressão: Jesus, um judeu, homem, jamais poderia conversar com uma mulher, de origem samaritana, descrita como uma quase prostituta, em horário e locais tão particulares. A quebra destes padrões causa espanto tanto aos leitores mais atentos quanto à mulher, que expressa em suas perguntas tal estranhamento. A atitude de Jesus propõe uma aproximação através do conhecimento: o acesso ao que ele oferece – que na narrativa em questão trata-se de uma restaurada Aliança com Deus – se dá através da familiaridade com a pessoa dele. É necessário que, superada a fase do estranhamento, Jesus possa tornar-se novamente familiar e então estabelecer uma relação de proximidade, amor e intimidade com a mulher Samaritana, que os possibilite firmar uma Aliança. O relato em questão, segundo a exegese bíblica, é reconhecido como um relato ficcional que não procura descrever o estabelecimento de um compromisso individual e histórico entre Jesus e a Samaritana. Nela está a figura de toda a comunidade da Samaria, chamada a retornar à Aliança de

YHWH. Numa transposição para a realidade das comunidades atuais, o que se procura demonstrar com este trabalho é a necessidade do conhecimento, da familiaridade, do amor e da intimidade no compromisso estabelecido com Deus.

Palavras-chave: Inquietante. Sigmund Freud. Evangelho de João. Samaritana. Aliança.